

Bichectomia: uma cirurgia em disputa

CARLA VASCONCELOS CARVALHO E LUCIANA DADALTO

Advogadas especialistas em direito médico e da saúde do Dadalto & Carvalho Advocacia e Consultoria em Saúde

O Brasil lidera o ranking com maior número de cirurgias plásticas para fins estéticos no mundo, de acordo com o último levantamento da International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS). Foram realizadas 1,5 milhão de cirurgias no país, número que representa 13% do total mundial. Um dos procedimentos que tem caído no gosto dos brasileiros e gerado polêmica na sociedade médica é a chamada bichectomia. A cirurgia, voltada para fins estéticos e correções funcionais, tem gerado estresse para a determinação de qual profissional está apto para realizar o procedimento: cirurgião plástico ou dentista?

Conforme a Resolução nº 1.950/2010, o Conselho Federal de Medicina (CFM) e o Conselho Federal de Odontologia (CFO) estabelecem, conjuntamente, critérios para a realização de cirurgias das áreas de buco-maxilo-facial e crânio-maxilo-facial. Entre elas, enquadra-se a retirada de bolsas de gordura das bochechas, a bichectomia. Apesar de os conselhos já apresentarem orientações para execução de tal processo, os profissionais ainda discutem a exclusividade do ato médico.

A briga se estende justamente pelos médicos especializados em cirurgia plástica apostarem que a operação é de natureza médica e que podem ocorrer especificidades com as quais profissional de odontologia não está preparado para lidar. Enquanto dentistas reivindicam o ato por serem especialistas na área bucal e entor-

nos. Apesar do conflito entre profissionais das duas entidades, observamos que critérios já foram estabelecidos conjuntamente pelas classes profissionais e devem ser respeitados.

De acordo com a resolução, os dentistas podem realizar a bichectomia em pacientes que tenham indicação clínica em casos funcionais, como por exemplo, mordida que prejudique a dentição, a função mastigadora. Já para casos meramente estéticos, o procedimento é de responsabilidade exclusiva de cirurgões plásticos. O profissional que realizar a bichectomia fora dos propósitos determinados pela ordem, poderá sofrer representação em seu conselho de classe.

Muito procurada pelas celebridades mundiais, a intervenção para a área estética virou moda em nosso país. Apesar de essa modificação em afinar o contorno facial parecer um processo simples, tem riscos, complicações e requer cuidados especializados. Em alguns casos, podem ocorrer hemorragias, hematomas e infecções. Ou, em virtude de imperícia médica, lesionar algum nervo capaz de causar paralisia facial ou afetar o canal por onde passa a saliva.

Em suma, a preocupação se estende quanto a cirurgias que obtiveram maus resultados e com possíveis dobramentos jurídicos. Portanto, os cirurgões, sejam plásticos ou dentistas, devem estar atentos à necessidade e real indicação do procedimento dentro de suas áreas para se resguardar e não colocar em perigo a integridade física de seus pacientes. Seja por questões estéticas ou funcionais, a bichectomia deve ser levada em conta pela definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS): "Um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente ausência de afeções e enfermidades".

O desafio da seca

AÉCIO NEVES

Senador

Já lá se vão mais de 500 anos, desde que o escrivão Pero Vaz de Caminha lavrou a carta inaugural da presença colonizadora no país. "Águas, são muitas, infindas", ele relatou à corte portuguesa. A fartura hídrica é mesmo espantosa. O país ostenta a maior bacia hidrográfica do planeta e a maior planície alagável do mundo, entre outras referências superlativas. No entanto, em pleno século 21, no que se refere à gestão deste patrimônio único de água doce, o Brasil ainda apresenta um atraso secular.

A seca que assola algumas regiões do país é o retrato de uma calamidade recorrente. Entre 2003 e 2015, os casos de seca que levaram a decretos de situação de emergência ou calamidade pública no país cresceram 409%, segundo a Agência Nacional de Águas. O Nordeste vive a sua pior crise de estiagem dos últimos 50 anos, com a devastação de várias culturas agrícolas e criações de animais. Até mesmo o Distrito Federal foi obrigado a adotar o racionamento de água desde o início do ano.

Em Minas, prefeitos do Vale do Mucuri estão pleiteando, junto ao governo federal, o refinanciamento das dívidas dos produtores rurais com a União. Em encontros realizados esta semana, ouvi o relato contundente do impacto da seca que vem atingindo a região – parte importante do rebanho local foi dizimada, o desemprego avançou e os municípios registraram alta queda na arrecadação.

Infelizmente, o Brasil parece só funcionar no improviso do curto prazo. Em momentos de crise anuncia-se a perfuração de poços artesanais, o transporte de carros-pipa e a realização de obras emergenciais. Os problemas são mitigados à custa de muito sacrifício das populações e do socorro prestado pelos bancos públicos. É preciso fazer diferente. A gestão hídrica deve ser, necessariamente, uma política de Estado, planejada e permanente. Há inúmeros bons exemplos no mundo de que é possível conviver com a aridez do solo e manter atividades produtivas o ano todo, como é o caso de Israel, país líder na reciclagem de águas residuais (esgoto doméstico) para utilização na agricultura.

Não há solução fácil para a questão hídrica, tal a complexidade de fatores envolvidos. O crescimento populacional e a urbanização acelerada, a industrialização, a expansão da agricultura e as mudanças climáticas são eventos que contribuem diretamente para a escassez dos recursos hídricos. Ao mesmo tempo, o país convive com desafios muito diversificados, como a destruição de florestas nativas, o desperdício na distribuição e no consumo de água, a falta de infraestrutura e de investimentos em áreas como abastecimento e saneamento público, para citar apenas alguns.

Um bom caminho parece exigir a convergência de ações de conservação do patrimônio



Nossos recursos podem ser enormes, como bem avaliou o primeiro escriba português, mas são finitos e devem ser preservados como um ativo valioso para a presente e as futuras gerações

natural, o uso de boas tecnologias e a adoção de práticas sustentáveis de administração da água, pautadas em planejamento rigoroso. Acima de tudo, precisamos de boas políticas públicas e de uma gestão comprometida com

bons resultados. Afinal, nossos recursos podem ser enormes, como bem avaliou o primeiro escriba português, mas são finitos e devem ser preservados como um ativo valioso para a presente e as futuras gerações.

Começar de novo

ARISTIDES JOSÉ VIEIRA CARVALHO

Médico, mestre em medicina, especialista em clínica médica e em medicina da família e comunidade

A vida é feita de recomeços. Em nossa cultura, repetimos com frequência que devemos "nascer de novo", "ressurgir das cinzas", "dar a volta por cima". Todas essas expressões convidam-nos à resiliência. Não devemos nos abater. Precisamos seguir em frente, "levantar a cabeça" e aprender com as oportunidades que a vida nos dá.

O recomeço faz parte das concepções mais bonitas que temos. Entretanto, requer coragem. Implica sair da situação de conforto e mudar de rota. Há uma concepção que se generalizou e ganhou um sentido preocupante entre nós ao dizer que "as pessoas não mudam". Certamente, há mudanças que são mais difíceis ou impossíveis (genéticas, hereditárias), mas as mudanças relacionais e de perspectivas em relação ao viver podem e devem ocorrer. Na verdade, elas sucedem com frequência. Essa é uma das belezas da vida. Se fosse sempre a mesmice, seria um tédio. O filósofo pré-socrático Heráclito afirmava que estamos em constante mudança.

Quando, por insegurança ou medo, abraçamos a rigidez e damos uma direção única e previsível às nossas condutas e decisões, perdemos as oportu-

nidades de mudar e de crescer. Precisamos de flexibilidade e, sobretudo, de sensibilidade para perceber os ensinamentos que os dias nos trazem. Por vezes, aceitamos novos caminhos e encontramos barreiras e resistências por parte de pessoas mais próximas ou queridas, o que torna mais difícil nossas novas escolhas e mudanças.

Cabe dizer que nem toda mudança significa crescimento. Observamos isso na política e nas gestões públicas e privadas, quando são instituídas mudanças que desconhecem ou são indiferentes aos caminhos percorridos, aos avanços alcançados. Essas mudanças, muitas vezes causadas pela vaidade ou pela incompetência, não têm nada de benéfico. Pelo contrário, na grande maioria das vezes, significam retrocesso e sofrimento para muitos. Políticos e gestores precisam pensar nisso antes de ignorar e desvalorizar as conquistas históricas, algumas delas feitas a duras penas pelos seus antecessores, profissionais e população.

Na perspectiva das relações interpessoais, o recomeço é necessário quando a mágoa, a frieza e a indiferença passam a predominar. Nesses casos, o caminho pode ser curto ou longo – vai depender – para o renascimento de relações mais humanizadas. Isso é frequente no ambiente familiar, na comunidade ou no trabalho. As estratégias de diálogo, de escuta, respeito e valorização do outro são

muito importantes para o ressurgimento de uma convivência mais saudável e digna. Com certeza, não é tarefa fácil, mas necessária.

Na relação amorosa, o recomeço é muito importante. Começar de novo e redescobrir o outro, é fundamental, assim como rediscutir e reinventar novos espaços para a relação. Por outro lado, nos casos em que a interação, por várias razões, não deu certo e se está iniciando uma nova vida a dois, começar de novo implica se dar a oportunidade e o direito de construir um novo relacionamento e ser feliz. É triste – e um tanto absurdo – constatar que, mesmo com os avanços nas discussões éticas e humanísticas, há grupos socioculturais e religiosos que ainda apresentam resistência e/ou restrições aos casais em segunda união.

No decorrer dos dias, algumas situações – perdas de pessoas queridas, frustrações por motivos diversos, desencontros e desencantos – nos convidam a rever o rumo que estamos dando às nossas vidas. Nesses momentos, precisamos estar abertos para acolher e refletir sobre novos caminhos e, muitas vezes, a recomeçar...

Começar de novo será sempre uma experiência de reencontro e de paz à medida que tomamos a decisão em favor da vida e redescobrimos, nas escolhas realizadas, a alegria de viver e conviver numa sociedade de pessoas livres e com dignidade.

S/A ESTADO DE MINAS

FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

DIÁRIOS ASSOCIADOS
A vida com mais conteúdo

SEDE
Avenida Getúlio Vargas, 291 - Funcionários,
Belo Horizonte-MG-Cep 30112-020

TELEFONE GERAL
(31) 3263-5000

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS

Filiado ao Instituto Verificador de Circulação

IVZ

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SUCURSAL SÃO PAULO
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732/766 - Edifício Mary Harriet Speers - 7º andar - Bairro Jardins - São Paulo - SP
CEP: 01403-000 • Fone: (11) 3372-0022 • e-mail: sucursal.sp@uai.com.br e associadosp@uaijiga.com.br

SUCURSAL RIO DE JANEIRO
Rua Fonseca Teles, 114 a 120 - Bloco 2 - 1º andar - São Cristóvão - Rio de Janeiro - RJ CEP: 20940-200
Tel.: (21) 2263-1945 • Fax: (21) 2263-2045
e-mail: sucursal.rj@uai.com.br

TELEFONES DE APOIO

Redação
(31) 3263-5330
Editorias:
Gerais
(31) 3263-5244
Política
(31) 3263-5293
Economia e Agropecuária
(31) 3263-5103
Esportes
(31) 3263-5313
Internacional
(31) 3263-5301
Opinião
(31) 3263-5373

Cultura - TV - Pensar e Divirta-se
(31) 3263-5126
Fotografia
(31) 3263-5214
Turismo
(31) 3263-5333
Informática
(31) 3263-5360
Vrum
(31) 3263-5078
Bem Viver, Guri e Negócios e Oportunidades
(31) 3263-5048
Feminino & Masculino
(31) 3263-5260

WhatsApp: (31) 99918-4155

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Belo Horizonte (31) 3263 5800
Outras Localidades 0800 031 5005

DISTRIBUIDOR DE ASSINATURAS INTERIOR

0800 283 5062

SERVIÇO DE ATENDIMENTO À VENDA AVULSA

Capital e Contagem - (31) 3263 5830
Interior de Minas Gerais - 0800-283-5062
Telefax - Circulação: (31) 3263 5961

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA

(31) 3263-5421

DEPARTAMENTO COMERCIAL

(31) 3263-5501 e (31) 3263-5224

AGÊNCIAS

O ESTADO DE MINAS trabalha com as seguintes agências de notícias: Agência Estado, Agência O Globo, Agência Folha, France-Press e Reuters.

ASSINE ANUNCIE

Belo Horizonte
(31) 3263 5800

Outras Localidades
0800 031 5005

Publicidade
(31) 3263-5501/5197

Classificados
(Pequenos Anúncios Fonados)
(31) 3228-2000

TABELA DE PREÇOS

Localidade	VENDA AVULSA (R\$)	
	2ª a sábado	Domingos
MG, SP, RJ (capital)	2,50	3,50
RJ (interior), ES e DF	3,50	4,50
Outros estados	5,00	6,50

D.A PRESS MULTIMÍDIA

D.A press
Miguel em rede

ATENDIMENTO PARA PESQUISA E VENDA DE CONTEÚDO:
Por e-mail e telefone: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/0800 647 73 77.
Fax: (61) 3241.1595.

E-mail: dopress@dabr.com.br
Site: www.dopress.com.br